

# Deus Vult! A instrumentalização do passado medieval pela extrema-direita em Anders Breivik (2011) e Brenton Tarrant (2019)

Deus Vult! The Instrumentalization of the Medieval Past by the Far Right in Anders Breivik (2011) and Brenton Tarrant (2019)

**João Vitor Fanaia Viegas**

Mestrando em História

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

jvfanaia10@gmail.com

**Recebido:** 17/09/2025

**Aprovado:** 09/12/2025

**Resumo:** O presente artigo investiga como elementos simbólicos e narrativos associados à Idade Média têm sido apropriados por extremistas de direita na contemporaneidade, com foco nos casos de Anders Breivik (2011) e Brenton Tarrant (2019). Ambos recorreram a símbolos medievais — cavaleiros templários, Cruzadas e a noção de cristandade ameaçada — para construir uma estética de guerra sagrada e legitimar ideologicamente suas ações violentas. A análise insere-se no campo do neomedievalismo, entendido como apropriação anacrônica e politicamente orientada do passado medieval. Metodologicamente, o estudo combina a leitura dos manifestos dos dois autores e, até o presente momento, realiza apenas no manifesto de Breivik um exame lexical da recorrência de termos ligados ao imaginário medieval, articulando esses dados com a bibliografia especializada sobre extrema-direita e usos políticos do passado. Os resultados indicam que o imaginário medieval opera como instrumento de radicalização, reforço identitário e difusão de discursos xenofóbicos, islamofóbicos e eurocêntricos.

**Palavras-chave:** Neomedievalismo; Extrema-Direita; Usos do Passado.

**Abstract:** This article investigates how symbolic and narrative elements associated with the Middle Ages have been appropriated by right-wing extremists in contemporary contexts, focusing on the cases of Anders Breivik (2011) and Brenton Tarrant (2019). Both perpetrators mobilized medieval imagery — the Knights Templar, the Crusades, and the notion of a threatened Christendom — to construct an aesthetic of holy war and ideologically legitimize their violent actions. The analysis is situated within neomedievalism studies, understood as the anachronistic and politically oriented appropriation of the medieval past. Methodologically, the study combines the examination of both manifestos with a lexical analysis performed, at this stage, only on Breivik's text, identifying the recurrence of terms linked to medieval imaginaries and articulating these findings with specialized scholarship on the far right and the political uses of the past. The results indicate that medieval imagery serves as a tool for radicalization, identity reinforcement, and the dissemination of xenophobic, Islamophobic, and Eurocentric discourses.

**Keywords:** Neomedievalism; Far-Right; Uses of the Past.

## Introdução

Anders Behring Breivik e Brenton Harrison Tarrant protagonizaram dois dos atentados terroristas mais impactantes do século XXI, marcando de forma trágica a história recente da Noruega em 2011 e da Nova Zelândia em 2019, respectivamente. Ambos os ataques foram motivados por ideologias de extrema-direita e suscitaron debates significativos sobre a radicalização desse espectro político na contemporaneidade. Inicialmente, Breivik e Tarrant foram classificados como “lobos solitários”, isto é, indivíduos que teriam agido isoladamente (Petersmann, 2019). Contudo, o crescimento global das redes digitais da extrema-direita evidencia que esses agentes não atuaram de forma independente: integram uma “alcateia” ideológica transnacional, cujas conexões, dinâmicas e fluxos ainda são parcialmente invisíveis ao grande público (Caldeira, 2025; Lanzieri Júnior, 2021).

Nesse sentido, o presente artigo busca demonstrar como representantes da extrema-direita, em dois episódios distintos, porém profundamente interconectados, apropriaram-se do passado medieval como instrumento simbólico, político e ideológico. Em ambos os casos, os terroristas mobilizaram elementos do imaginário medieval — como a figura dos cavaleiros templários, a iconografia das Cruzadas e a retórica da defesa da cristandade europeia — para construir uma narrativa de guerra civilizacional.

Importa ressaltar que tal apropriação não ocorre de maneira ingênua ou descontextualizada. Pelo contrário, trata-se de um uso estratégico do passado orientado pela lógica da radicalização contemporânea. Ao selecionar aspectos específicos da Idade Média, frequentemente de forma anacrônica e distorcida, esses indivíduos e os movimentos que os inspiram constroem mitologias de resistência heroica que lhes permitem legitimar a violência política e reforçar identidades baseadas em valores tradicionalistas, xenófobos e eurocêntricos (Elliott, 2017). Assim, o passado medieval é instrumentalizado como suporte simbólico para narrativas que apresentam o multiculturalismo, o islamismo e a diversidade social como ameaças existenciais à civilização ocidental.

## Os atentados

Em 2011, Anders Behring Breivik, então com 32 anos de idade, foi responsável por um dos atentados mais trágicos da história recente da Noruega. Após detonar uma bomba no centro político de Oslo no dia 22 de julho, dirigiu-se à ilha de Utøya, onde ocorria um encontro de jovens do Partido Trabalhista Norueguês, e abriu fogo contra os presentes. O ataque resultou na morte de 77 pessoas.

Pouco antes da ação, Breivik divulgou um manifesto virtual de 1.518 páginas, intitulado *2083 – A European Declaration of Independence*, no qual apresentou sua visão de mundo e suas motivações ideológicas. No documento, ele se autodenomina um herdeiro direto dos “cavaleiros templários” empenhado em salvar a Europa, assim, recorre constantemente a imagens e referências do medievo. Essa estética “medievalizada” não é meramente decorativa: integra uma narrativa estruturada para legitimar sua violência como parte de uma suposta “nova cruzada” em defesa da civilização europeia contra o que o autor considera como a degenerescência da contemporaneidade.

Nas palavras do próprio Breivik:

Hoje, a feminização da cultura europeia, em rápida ascensão desde a década de 1960, continua a se intensificar. De fato, o atual ataque radical feminista, por meio do apoio à imigração muçulmana em massa, possui um paralelo político com seus esforços anticoloniais. Esse ataque atual é, em parte, uma continuação de um esforço centenário para destruir as estruturas tradicionais europeias — a própria base da cultura europeia (Breivik, 2011, p. 29. Tradução minha).

E ainda,

Se essa tendência de “feminização” fosse impulsionada apenas por feministas radicais tentando derrubar uma hierarquia percebida como dominada por homens, haveria mais esperança de que os ciclos da história levassem a Europa a uma acomodação estável entre homens e mulheres. Mas o impulso é mais profundo e não será satisfeito por nenhuma acomodação. As feministas radicais abraçaram — e foram abraçadas por — um movimento mais amplo e profundo: o marxismo cultural. Para os marxistas dedicados, a estratégia é atacar em todos os pontos onde uma disparidade aparente cria um grupo potencial de vítimas “oprimidas” — muçulmanos, mulheres, etc. Os marxistas culturais, homens e mulheres, estão aproveitando ao máximo essa oportunidade, e a teoria desenvolvida pela Escola de Frankfurt fornece a ideologia (Breivik, 2011, p. 29. Tradução minha).

Para o terrorista, feminismo, multiculturalismo e “marxismo cultural” configurariam uma tríade responsável pela “decadência europeia”. Essa estrutura retórica corresponde, como demonstra Carla Brandalise (1999), ao padrão discursivo da direita radical europeia, que se fundamenta na construção de uma crise civilizacional acompanhada da figuração de um inimigo externo e de um inimigo interno. Brandalise argumenta que tais movimentos produzem um sentimento de urgência histórica, convocando seus seguidores à defesa de uma identidade coletiva homogênea baseada na exclusão daqueles percebidos como “perturbadores” da ordem cultural. O manifesto de Breivik se encaixa precisamente nessa lógica ao fundir feministas, muçulmanos e defensores do multiculturalismo em um único corpo inimigo que ameaçaria a continuidade da civilização europeia.

Sob outra perspectiva, Enzo Traverso (2019) interpreta esse tipo de discurso como expressão de um “pós-fascismo”: um conjunto de ideias que não reproduz integralmente o fascismo histórico, mas atualiza suas categorias estéticas, emocionais e identitárias para o século XXI. Breivik mobiliza exatamente esse repertório pós-fascista ao idealizar uma Europa branca, patriarcal e cristã, ameaçada por supostos agentes da decadência moral. Sua retórica de “defesa civilizacional” opera por meio do que Traverso identifica como nostalgia autoritária: a construção de um passado heróico imaginário que funciona como antídoto às incertezas do presente.

Oito anos após o ataque na Noruega, essa mesma lógica reapareceu no atentado de 15 de março de 2019, na cidade de Christchurch, Nova Zelândia. Brenton Harrison Tarrant, então com 28 anos, invadiu duas mesquitas durante as orações de sexta-feira, transmitindo a ação ao vivo pelas redes sociais e assassinando 51 pessoas. Assim como Breivik, Tarrant publicou um manifesto — *The Great Replacement* — inspirado na obra do escritor francês Renaud Camus, responsável pela formulação da teoria conspiratória conhecida como *Grand Remplacement*. Camus, figura influente na nova direita francesa (*Nouvelle Droite*), sustenta que populações europeias brancas estariam sendo “substituídas” por imigrantes não europeus, sobretudo muçulmanos, em razão de políticas estatais deliberadas de imigração e multiculturalismo. Embora desprovida de base empírica e amplamente refutada por demógrafos e historiadores, essa teoria tornou-se um dos pilares ideológicos centrais de movimentos nacionalistas e supremacistas brancos no Ocidente.

No manifesto de Tarrant, essa narrativa da grande substituição aparece reelaborada como justificativa para sua ação violenta. Embora mobilize referências medievais de forma menos sistemática que Breivik, Tarrant ainda assim aciona elementos simbólicos do período, como ao chamar Istambul de “Constantinopla” e ao afirmar que os seguidores de Breivik seriam “os verdadeiros cavaleiros templários na contemporaneidade” (Tarrant, 2019, p. 24).

Essas referências, anacrônicas e distorcidas, demonstram como o imaginário medieval funciona como dispositivo simbólico para legitimar discursos extremistas. Frequentemente representada como um período de suposta pureza cultural, homogeneidade religiosa e ordem hierárquica (Pachá, 2019), a Idade Média é transformada em um repertório identitário para grupos que rejeitam o pluralismo e a democracia contemporânea.

Convém ressaltar que essa apropriação política do medievo não é exclusiva da atualidade. Durante o Terceiro Reich (1933–1945), a máquina de propaganda nazista recorreu intensamente à simbologia medieval — como os cavaleiros teutônicos — para associar valores como honra, sacrifício

e “pureza racial” ao ideal de soldado ariano. A pintura *O Porta-Estandarte*, de Hubert Lanzinger (1880–1950), que representa Hitler como um cavaleiro medieval em armadura estilizada, integra esse projeto de construção de uma ponte simbólica entre um passado heroico imaginado e o projeto totalitário em consolidação.

Imagen 1 – *O Porta Estandarte* de Hubert Lanzinger (1880-1950)



Fonte: Lanzinger, Hubert. *The Standard Bearer* (Der Bannerträger), ~1934-36. Museu: United States Army Center of Military History, Washington, DC. Disponível em: <https://www.ushmm.org/m/img/2450324-2396x2417.jpg>. Acesso em: 17 de setembro de 2025.

## Definindo conceitos

Antes de avançar na discussão sobre o neomedievalismo em sua relação com a extrema-direita, é fundamental esclarecer alguns dos principais termos que sustentam este debate. Muitos desses conceitos são complexos e carregados de historicidade, sendo frequentemente disputados por diferentes correntes interpretativas. Assim, nesta seção, apresentamos quatro noções centrais para a compreensão do tema: terrorismo, extrema-direita, medievalismo e neomedievalismo.

No que se refere ao terrorismo, os ataques de Anders Breivik e Brenton Tarrant podem ser classificados nessa categoria. Contudo, como argumenta Walter Laqueur (1999), o conceito de terrorismo é historicamente instável e sujeito a múltiplos significados, o que torna difícil estabelecer uma definição universal e definitiva. Isso ocorre porque a violência política assume formas diversas ao longo do tempo, incluindo guerras irregulares, guerrilhas e ações armadas movidas por motivações ideológicas, religiosas ou nacionalistas. Para Laqueur, compreender o terrorismo requer analisar as especificidades de cada contexto histórico, evitando generalizações excessivas.

Complementarmente, Eunice Castro Seixas (2008) propõe distinguir o “terror” — entendido como a violência estatal sistematizada, como no período jacobino da Revolução Francesa — do terrorismo clássico, caracterizado como a resposta violenta de grupos organizados frente à opressão estatal. Em sua obra artigo *Terrorismo: uma exploração conceitual*, esse “novo terrorismo”, emergente no mundo globalizado, apresenta características distintas: atua em redes transnacionais, depende de tecnologias de comunicação e possui alto grau de letalidade e imprevisibilidade. Entretanto, ao aplicarmos essa distinção aos casos de Breivik e Tarrant, percebemos suas limitações. Ambos agiram em sociedades democráticas, sem sofrer perseguição estatal; portanto, suas ações não respondem a opressões políticas, mas decorrem de escolhas ideológicas extremistas orientadas pelo supremacismo e pela radicalização online. Assim, enquadram-se mais adequadamente na definição da *Encyclopædia Britannica*, que entende terrorismo como o uso sistemático da violência para provocar medo e alcançar objetivos políticos específicos (Encyclopædia Britannica, 2024).

O conceito de extrema-direita também apresenta desafios interpretativos. Segundo Michel Löwy (2015), trata-se de um campo político heterogêneo, marcado por particularidades nacionais, mas dotado de elementos estruturais comuns, tais como nacionalismo chauvinista, xenofobia, islamofobia, anticomunismo e idealização de uma ordem hierárquica tradicional. Löwy destaca que, embora haja diferenças significativas entre a extrema-direita do entre-guerras e aquela que emerge no século XXI, subsistem continuidades — especialmente na mobilização de mitos históricos e na produção de discursos identitários pautados pela exclusão. Exemplos disso incluem tanto o uso nazista da cavalaria teutônica como modelo racializado quanto, na contemporaneidade, a apropriação da Reconquista pelo partido espanhol VOX como símbolo de resistência à imigração e ao multiculturalismo.

Outrossim, torna-se fundamental integrar a contribuição de Jason Stanley, que define o fascismo e a extrema-direita como uma forma de ultranacionalismo na qual a nação é apresentada como um corpo homogêneo ameaçado por inimigos internos e externos, sendo simbolicamente

representada por um líder autoritário (Stanley, 2018). Para o autor, a política fascista opera por meio de táticas reconhecíveis, entre as quais se destacam: a criação de um passado mítico idealizado, o apelo à pureza nacional, a divisão moral entre “nós” e “eles”, e a desumanização sistemática do “Outro”. Logo, Breivik e Tarrant exemplificam de forma contundente essas táticas descritas por Stanley: ambos erguem uma fronteira moral rígida entre um suposto “Ocidente cristão” e os inimigos muçulmanos, apresentados como forças externas de corrupção e dominação. Ao transformar esses grupos em ameaças existenciais à sobrevivência da nação, os dois terroristas desumanizam completamente seus alvos e legitimam a violência como resposta necessária dentro de uma narrativa de guerra civilizacional.

Passando ao campo dos estudos sobre recepção do passado, dois conceitos são essenciais: medievalismo e neomedievalismo. Leslie J. Workman (1979), fundador do campo do medievalismo, define-o como o estudo das representações, reinvenções e recepções da Idade Média em períodos posteriores. O medievalismo distingue-se da medievalística, que se dedica ao estudo direto das sociedades medievais; enquanto esta busca reconstruir o passado com rigor metodológico, aquele investiga como diferentes épocas reimaginam e reinterpretam o medievo. Nesse sentido, o medievalismo abrange desde expressões culturais e artísticas até usos políticos e ideológicos do passado medieval.

O neomedievalismo, por sua vez, constitui uma vertente específica do medievalismo. Umberto Eco (2017) entende o neomedievalismo como uma construção idealizada da Idade Média, marcada mais pela fantasia do que pelo compromisso com a veracidade histórica. Contudo, para compreender o fenômeno em sua dimensão política contemporânea, é especialmente relevante a contribuição de Luiz Felipe Anchieta Guerra (2021). Nas palavras de Guerra:

Essa desvinculação do passado histórico “real” não deve ser simplesmente atribuída à ignorância; pelo contrário, ela está fundamentalmente ligada à natureza desses conteúdos, nos quais tanto a esquerda quanto a direita disputam o sentido de um passado medieval que ambas desejam mobilizar como instrumento político contemporâneo, e para os quais a precisão histórica se torna uma preocupação secundária ou mesmo inexistente (Guerra, 2021, p. 58).

Assim, o neomedievalismo se caracteriza por uma apropriação anacrônica e seletiva da Idade Média, frequentemente desvinculada de qualquer compromisso com a historiografia e orientada por disputas políticas contemporâneas. Enquanto o medievalismo pode operar em chave crítica, estética ou lúdica, o neomedievalismo político — como no caso de Breivik e Tarrant — mobiliza símbolos medievais para justificar narrativas de violência, exclusão e supremacia identitária.

Complementarmente, Andrew B. R. Elliott (2017) propõe o conceito de “medievalismo banal” em *Medievalism, Politics and Mass Media: Appropriating the Middle Ages in the Twenty-First Century*, segundo o qual elementos medievais são expropriados de seu contexto histórico e reapresentados na cultura de massa, publicidade, entretenimento e política. Para Elliott:

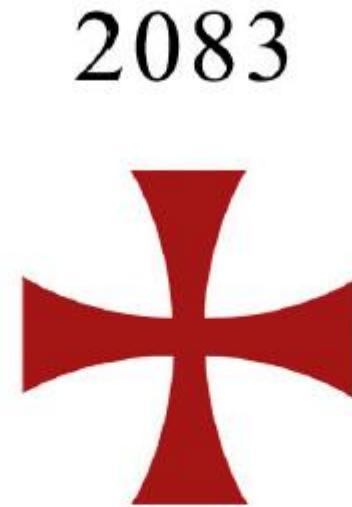
Primeiro, eles precisam ser expropriados da história, como quando objetos, conceitos e símbolos medievais são invocados em um contexto pós-medieval; segundo, essa expropriação é repetida e retransmitida, permitindo que o significado do objeto, conceito e símbolo gradualmente represente novos significados cada vez mais desvinculados de qualquer realidade histórica; e terceiro, o objeto, conceito ou símbolo é assimilado, traduzido e modificado de modo que seja completamente 'despido [...] de seus significados originais e significância dependente do contexto, tornando-o pronto para ser enxertado em preocupações modernas (Elliott, 2017. p, 6. Tradução minha).

Dessa maneira, muitos grupos extremistas contemporâneos reinterpretam a Idade Média como uma era heroica e homogênea, contrastando-a com um presente percebido como decadente ou ameaçador. Tal operação simbólica não apenas legitima discursos de exclusão e violência, mas também oferece um horizonte identitário simplificado para indivíduos radicalizados, reforçando projetos de supremacia racial, rejeição multicultural e retorno a uma suposta ordem “pura” e original.

### **Os Neomedievalismos no caso de Anders Breivik**

Em seu manifesto publicado em 22 de julho de 2011, Anders Breivik recorreu amplamente ao imaginário medieval como estratégia para estruturar, legitimar e sacralizar sua narrativa extremista. Logo na capa de *2083 – A European Declaration of Independence*, observamos uma cruz vermelha de grande destaque — símbolo historicamente associado às Cruzadas e à iconografia templária (Imagem 2). Essa escolha visual antecipa a lógica retórica que permeia o documento: Breivik pretende inscrever sua ação violenta dentro de uma narrativa de guerra sagrada, reinterpretando o medievo como um tempo de heroísmo e pureza civilizacional ameaçada.

Imagen 2 - Capa do manifesto *2083 – A European Declaration of Independence*



**A European Declaration of Independence**

*De Lande Novae Militiae  
Pauperes commilitones Christi Templique Solomonici*

*By Andrew Berwick, London – 2011*

Fonte: Captura de Tela realizada pelo autor (2025)

A cruz vermelha, utilizada por ordens militares como os templários, tornou-se ao longo dos séculos um emblema de sacrifício, honra e combate religioso. A extrema-direita contemporânea frequentemente se apropria desse símbolo, reinterpretando as Cruzadas como momentos de confrontação direta entre um “Ocidente cristão” idealizado e um “inimigo islâmico” essencializado (Pachá, 2019). Estudos sobre medievalismo político (Elliott, 2017; Guerra, 2021) demonstram que esses grupos utilizam o passado medieval não para compreender a história, mas para produzir narrativas identitárias que reforçam projetos xenófobos e exclusivistas.

Breivik mobilizou esse repertório de modo ostensivo. A inscrição *De lande Novae Militiae Pauperes commilitones Christi Templique Solomonici* — referência ao tratado de Bernardo de Claraval —

reforça sua tentativa de legitimar a PCCTS como sucessora espiritual dos templários. Bernardo, no século XII, não apenas defendia a missão religiosa da Ordem do Templo, mas a exaltava como exemplo máximo de disciplina, pureza e serviço a Deus. Ao recuperar essa referência, Breivik procurou estabelecer uma continuidade imaginada entre sua ação armada e as Cruzadas.

Segundo o medievalista Jean Flori, a imagem do cavaleiro medieval como figura quase mitológica começou a ser construída ainda na própria Idade Média. Com o passar do tempo, a exaltação da cavalaria passou a enfatizar ideais como honra, bravura e espiritualidade, diminuindo a dimensão militar originalmente central a um papel secundário. Assim, o cavaleiro passou a ser concebido menos como um combatente e mais como um símbolo idealizado de virtudes cristãs e heroicas.

Se nos restringirmos ao sentido militar da palavra “cavalaria”, defini-la-emos essencialmente como um grupo profissional, o dos guerreiros de elite, atacando impetuosamente, de lança ou espada em punho, em todos os campos de batalha [...] A esse aspecto militar liga-se um segundo sentido, mais frequente, em termos franceses e latinos. “Fazer cavalaria” significa tanto atacar quanto realizar grandes feitos de armas, proezas... cavaleirescas [...] Na cavalaria não entra quem quer! (Flori, 2017, p. 210).

Breivik apropria-se explicitamente desse imaginário ao apresentar-se como membro de uma organização paramilitar fictícia — a *Pauperes Commilitones Christi Templique Solomonici* (PCCTS) — que, segundo ele, teria a missão de conduzir uma nova cruzada europeia contra o islamismo. Em sua narrativa, os integrantes da PCCTS são descritos como homens de honra, dotados de um senso de dever quase sagrado e incumbidos de proteger aqueles que, supostamente, não poderiam lutar por si mesmos.

Iniciaremos esta Cruzada para proteger a cristiandade oriental e para honrar nossos amigos e irmãos — não porque lucramos com isso, mas porque sabemos que eles fariam o mesmo por nós. Pense nisso como um projeto de solidariedade europeia. Será uma celebração da solidariedade entre irmãos cristãos europeus. Coletivamente, nos fortaleceremos enquanto partimos para desfazer algo que deveria ter sido feito em 1453, durante o cerco de Constantinopla (Breivik, 2011, p. 112. Tradução minha).

Em diversos momentos do texto, Breivik atribui às instituições de ensino europeias a responsabilidade por “distorcer” o sentido histórico das Cruzadas, afirmando que elas teriam sido ofensivas, quando, em sua perspectiva, foram reações defensivas aos ataques muçulmanos (Breivik, 2011, p. 41). Tal interpretação, no entanto, não se insere em um debate historiográfico legítimo, mas constitui um revisionismo histórico guiado por interesses ideológicos, sustentado por uma seleção

parcial de fatos, pela omissão de complexidades e pela construção de narrativas moralmente consoladoras destinadas a reforçar fronteiras identitárias e mobilizar apoios políticos.

Essa operação revisionista corresponde ao que Jason Stanley (2023) discute em *Apagando a História: Como os Fascistas Reescrevem o Passado para Controlar o Futuro*: regimes e movimentos fascistas buscam controlar o passado para moldar o futuro, transformando a história em arma política. Para Stanley, universidades e instituições de ensino tornam-se alvos privilegiados desses ataques, pois representam espaços de produção de conhecimento crítico capazes de questionar narrativas autoritárias. É nesse sentido que, nos Estados Unidos, observa-se o avanço de campanhas políticas e legislativas associadas ao trumpismo que visam censurar conteúdos acadêmicos, restringir debates sobre raça, gênero e democracia, além de deslegitimar universidades como supostos “centros de doutrinação”. Ao acusar escolas e universidades de propagarem visões “distorcidas” das Cruzadas, Breivik ecoa exatamente essa lógica fascista de deslegitimização do saber especializado, buscando substituir interpretações históricas complexas por versões simplificadas, identitárias e ideologicamente orientadas do passado medieval.

A partir da página 812, o manifesto dedica-se a apresentar os templários como modelo da PCCTS. Breivik descreve códigos de conduta, hierarquias internas, supostos ritos de iniciação e cerimônias inspiradas em investiduras medievais. Esses rituais não têm base histórica rigorosa; derivam de um neomedievalismo ideologicamente orientado, que amalgama referências históricas, elementos da Maçonaria moderna e imaginários difundidos na cultura pop — especialmente filmes, romances e jogos de fantasia. A descrição de Breivik reforça essa convergência:

O rito é de certa forma semelhante ao antigo e original ritual dos Cavaleiros Templários. Esse ritual foi parcialmente adotado e mantido vivo pelos Maçons e por ordens 'cavaleirescas' semelhantes ao longo dos últimos séculos. O seguinte ritual é um requisito e deve ser realizado por todos os aspirantes a Cavaleiros Justiciários da PCCTS, Cavaleiros Templários na fase 1. É provável que você esteja sozinho ao realizar o rito, portanto não vivenciará toda a magnitude da experiência. O candidato normalmente está cercado por Cavaleiros Justiciários durante uma cerimônia de iniciação normal (Breivik, 2011, p. 1113. Tradução minha).

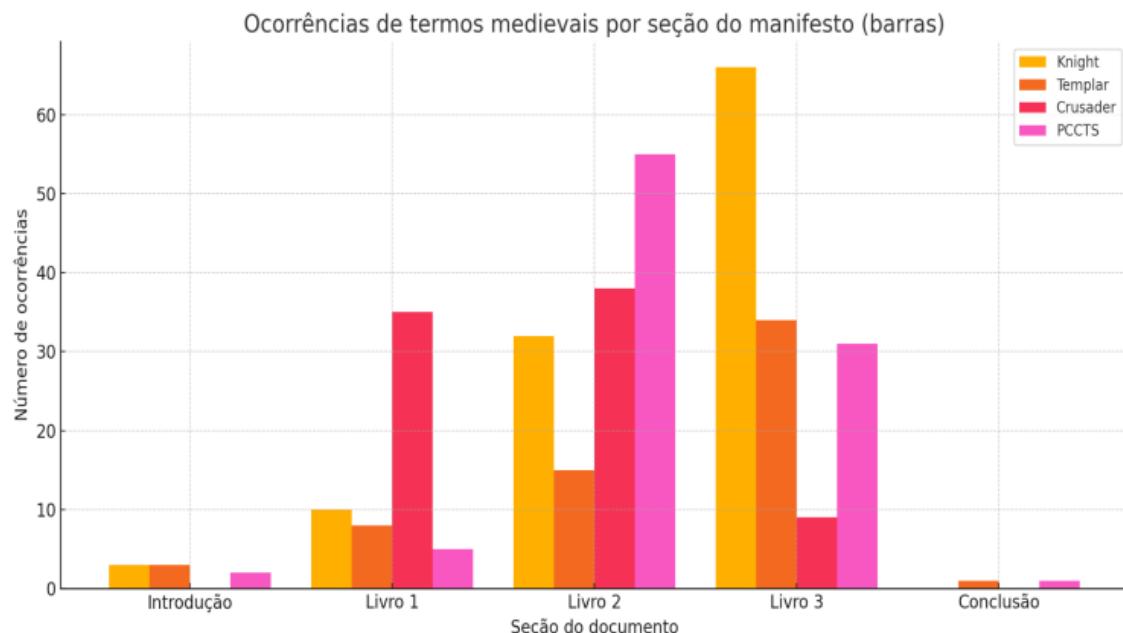
O terrorista também descreve minuciosamente um traje ceremonial constituído por túnica branca de estilo militar e uma cruz vermelha sobre o peito — referências diretas aos mantos templários. A espada, outro elemento central do ritual, é apresentada como símbolo de honra, sacrifício e fidelidade. Esses objetos e práticas reforçam a tentativa de Breivik de se legitimar como continuador

de uma tradição guerreira, sagrada e heroica, convertendo símbolos medievais em instrumentos de mobilização violenta no presente. Assim, nas palavras do próprio Breivik expressas no manifesto:

Traje: o candidato deverá vestir suas melhores roupas durante o rito de iniciação (normalmente o terno europeu moderno). Um traje europeu tradicional de gala é o mais adequado, mas não obrigatório. O uso de vestimentas semelhantes simboliza que não há distinção entre os Cavaleiros Justiceiros. A vestimenta do Cavaleiro Justiceiro ilustra a dignidade e a nobreza do ofício do Cavaleiro Justiceiro enquanto juiz, júri e executor. O propósito do Cavaleiro Justiceiro é atender ao chamado de seu povo de maneira altruista. Ele é o protetor de seu povo, de sua cultura, de seu país, da cristandade europeia e da civilização. Luvas brancas: as luvas representam dignidade e pureza (observe que a pessoa justa é descrita no Salmo 24 como alguém que possui “mãos limpas e coração puro”). Uma espada: a espada simboliza agressividade, proteção, coragem, força, ação, unidade, justiça, liderança e decisão — todas características importantes da natureza de um Cavaleiro Justiceiro. Se você estiver realizando o rito sozinho, deverá providenciar uma espada, preferencialmente uma boa réplica de uma espada europeia pronta para batalha, proveniente de alguma época da história nacional (por exemplo, uma espada larga viking para escandinavos, uma espada romana para europeus do sul, etc.) (Breivik, 2011, p. 1115. Tradução minha).

Para compreender a dimensão e a distribuição dessas referências, o manifesto foi organizado em cinco seções principais — introdução, Livro I, Livro II, Livro III e conclusão — o que permitiu analisar de forma sistemática a incidência do imaginário medieval ao longo do documento. A partir dessa estrutura, selecionamos quatro categorias analíticas centrais associadas ao repertório medievalista mobilizado por Breivik: *Knight* (cavaleiro), *Templar* (templário), *Crusade* (cruzada) e *PCCTS*. A escolha dessas unidades lexicais fundamentou-se em sua recorrência, relevância simbólica e papel na construção identitária elaborada pelo autor. Em seguida, foi realizada a contagem de frequência de cada termo, distribuída pelas seções do manifesto, a fim de identificar padrões de uso, momentos de intensificação discursiva e relações entre as passagens narrativas e simbólicas. Embora se trate de um procedimento lexical simples, a sistematização quantitativa — apresentada na Imagem 3 — evidenciou a centralidade do imaginário templário na narrativa e demonstrou empiricamente como esses símbolos são acionados para estruturar a lógica cruzadista ao longo do texto.

**Imagen 3 – Gráfico quantitativo de ocorrências de palavras no manifesto de Anders Breivik**



Fonte: Gráfico elaborado pelo autor (2025)

### **Não é um lobo solitário**

Compreender Anders Breivik como um “lobo solitário” dentro do neomedievalismo político da extrema-direita no século XXI revela-se uma perspectiva limitada e equivocada. Um exemplo significativo dessa articulação mais ampla pode ser observado seis anos após o massacre na Noruega, durante a marcha supremacista realizada em Charlottesville, no estado da Virgínia (Estados Unidos), em 2017.

A marcha, conhecida como “Unite the Right”, reuniu diversos grupos da extrema-direita americana — incluindo neonazistas, nacionalistas brancos e membros da Ku Klux Klan — que protestavam contra a retirada de uma estátua do general confederado Robert E. Lee. O evento resultou em confrontos violentos e culminou no assassinato da ativista Heather Heyer, atropelada por um dos manifestantes. O episódio gerou forte repercussão internacional e evidenciou o crescimento da militância fascista nos Estados Unidos.

Esse movimento foi analisado por Carlile Lanzieri Júnior em sua obra *Cavaleiros de colo, papel e plástico* (2021). Nela, o autor argumenta que a estética medieval desempenha um papel central nas performances da nova extrema-direita, funcionando como símbolo de pureza racial, heroísmo e hierarquia tradicional. Como pode ser observado na Imagem 4, os manifestantes apropriaram-se de

escudos, armaduras improvisadas e simbologias inspiradas na Idade Média para conferir legitimidade estética e emocional à sua ideologia de ódio.

Entretanto, nosso objetivo é evidenciar as conexões diretas entre Anders Breivik e outros atentados, demonstrando que uma parte da extrema-direita contemporânea se configura como um grupo muitas vezes articulado e coeso, especialmente por meio das redes sociais, onde seus integrantes difundem e disseminam discursos de ódio. Nesse sentido, voltamos nossa análise para o atentado terrorista ocorrido em 2019, na cidade de Christchurch, na Nova Zelândia.

**Imagen 4 - Manifestantes na manifestação “Unite the Right Rally”, Charlottesville, Virgínia, 12 de agosto de 2017.**



Fonte: CRIDER, Anthony. *Unite the Right Rally*. Charlottesville, 2017. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Charlottesville\\_%22Unite\\_the\\_Right%22\\_Rally\\_\(35780274914\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Charlottesville_%22Unite_the_Right%22_Rally_(35780274914).jpg). Acesso em: 17 set. 2025.

### Os neomedievalismos no caso de Brenton Tarrant

Após discutir anteriormente o atentado de Christchurch e seu enquadramento ideológico mais amplo, cabe agora analisar de que maneira Brenton Harrison Tarrant mobiliza o imaginário medieval como parte constitutiva de sua narrativa extremista. Em *The Great Replacement*, manifesto publicado momentos antes da ação, o autor recorre a símbolos templários, referências cruzadísticas e invocações

a personagens históricos para conferir legitimidade moral e histórica ao ataque. No documento, Tarrant articula diversos discursos de ódio voltados especialmente contra imigrantes — seu principal alvo — e contra mulheres, ao mesmo tempo em que manifesta, tal como Anders Breivik, profunda admiração pelos cavaleiros templários e pela iconografia das Cruzadas. Em determinado trecho, ele afirma: “Eu não carregava nenhum símbolo ou marca além das cruzes templárias” (Tarrant, 2019, p. 21. Tradução minha), revelando sua tentativa deliberada de se inscrever simbolicamente na tradição guerreira da cristandade medieval. Outro exemplo ocorre quando o terrorista pergunta: “ASK YOURSELF, WHAT WOULD POPE URBAN II DO?” (Tarrant, 2019, p. 35), isto é, “Pergunte a si mesmo: o que o papa Urbano II faria?”, evocando a figura histórica do pontífice que convocou a Primeira Cruzada para criar um paralelo entre sua ação e a luta cristã contra os “infiéis” no período medieval.

Ao fazer tais referências, o autor do atentado se posiciona simbolicamente como um “novo cruzado” ou um cavaleiro templário contemporâneo engajado em uma suposta missão sagrada. Essa apropriação seletiva e distorcida do passado medieval constitui um exemplo do *wormhole effect* (efeito “buraco de minhoca”), conceito proposto por Marcus Bull (2005). Segundo Bull, esse fenômeno consiste no uso anacrônico de imagens e narrativas medievais como se refletissem diretamente o pensamento e a realidade daquele tempo histórico, sem mediações ou contextualizações. Cria-se, assim, uma espécie de “atalho temporal” que ignora os séculos de transformações culturais, ideológicas e historiográficas que separam o presente daquele passado evocado.

Nesta mesma linha analítica, dialogamos também com François Hartog (2014), que propôs o conceito de regimes de historicidade para descrever as diversas maneiras pelas quais sociedades articulam suas relações entre passado, presente e futuro. Para o autor, essas relações não são naturais nem estáveis: variam conforme contextos culturais, políticos e epistemológicos. Entre os principais regimes identificados por Hartog, destacam-se o futurismo moderno, típico dos séculos XVIII e XIX, no qual o futuro orientava expectativas e o progresso funcionava como vetor de sentido histórico; o passadismo, no qual o passado operava como autoridade normativa e horizonte de referência; e, mais recentemente, o presentismo, caracterizado pelo predomínio do presente como categoria temporal dominante.

É nesse contexto que se insere a atuação de Brenton Tarrant e de outros agentes da extrema-direita contemporânea. Observa-se, em seus discursos, um uso do passado que não visa compreendê-lo criticamente, mas instrumentalizá-lo como recurso político de resposta imediata às tensões do presente. No regime presentista de historicidade, o passado é convocado não como campo de

investigação ou como tradição contínua, mas como repertório simbólico pronto para ser mobilizado diante de medos e fraturas identitárias contemporâneas. Assim, referências às Cruzadas, a cavaleiros templários ou a batalhas medievais são deslocadas de seus contextos históricos e reconfiguradas como metáforas diretas para conflitos atuais, funcionando como um ponto de conforto, estabilidade imaginada e justificação moral em um presente percebido como caótico e ameaçador.

No final de seu manifesto, o terrorista australiano também declara: “Estamos vindo para Constantinopla e destruiremos todas as mesquitas e minaretes da cidade. A Hagia Sophia estará livre de minaretes, e Constantinopla será, mais uma vez, legitimamente cristã” (Tarrant, 2019, p. 51, tradução minha). A passagem evidencia uma tentativa explícita de produzir uma continuidade simbólica entre o presente e a Idade Média, acionando a imagem de uma cristandade sitiada que deveria ser restaurada pela força — ideia central às narrativas cruzadísticas modernas. Ao recorrer a esse repertório, Tarrant não apenas romantiza e distorce o passado medieval, como também ignora a complexidade histórica das Cruzadas e o modo como esse fenômeno foi reinterpretado ao longo dos séculos.

Outrossim, os elementos neomedievais presentes nas ações de Brenton Tarrant não se restringem ao manifesto *The Great Replacement*. No dia do atentado, após sua detenção pelas autoridades neozelandesas, imagens dos armamentos utilizados por ele circularam amplamente nas redes sociais e em outros meios de comunicação. Nessas fotografias, é possível observar inscrições e simbologias que fazem referência a batalhas medievais, generais cristãos conhecidos por confrontos contra muçulmanos durante as Cruzadas, além de outras figuras históricas emblemáticas da Idade Média. Tais elementos podem ser observados na Imagem 5:

**Imagen 5 – Arma utilizada por Brenton Tarrant**



Fonte: WIKIMEDIA COMMONS. *Christchurch attack gun.* 2019. Disponível em: [https://en.m.wikipedia.org/wiki/File:Christchurch\\_attack\\_gun.png](https://en.m.wikipedia.org/wiki/File:Christchurch_attack_gun.png). Acesso em: 17 set. 2025.

Na Imagem 5, evidenciam-se inscrições como “Tours 732”. No artigo “The Post-Medieval Battle of Tours”, publicado na revista *postmedieval: a journal of medieval cultural studies* (2019), o historiador britânico James Palmer discute as narrativas construídas em torno da batalha de Tours, ocorrida em 732, e da figura de Carlos Martel (688–741). Também conhecida como Batalha de Poitiers, a Batalha de Tours foi travada entre as forças lideradas por Carlos Martel, do Reino dos Francos, e exércitos omíadas comandados por ‘Abd al-Rahmān al-Ghāfiqī (†732). Tradicionalmente, esse confronto foi interpretado como um momento crucial para conter a expansão islâmica na Europa Ocidental e preservar a cristandade.

Contudo, como apresentado por Palmer, Tours ganhou relevância simbólica e historiográfica posterior, sendo frequentemente evocada por discursos nacionalistas, eurocêntricos e identitários, especialmente em contextos de crise ou de confrontos entre culturas. Assim, o historiador argumenta que a importância da Batalha de Tours deve ser compreendida mais pelo seu uso político e ideológico ao longo da história — inclusive por movimentos extremistas contemporâneos — do que por seu impacto direto e imediato no cenário militar ou religioso da época.

## Considerações Finais

Em grande medida, a História é construída por meio de revisionismos — processos legítimos pelos quais interpretações anteriores são reavaliadas à luz de novas evidências ou abordagens metodológicas. No entanto, o revisionismo promovido por setores da extrema-direita frequentemente ultrapassa os limites da crítica acadêmica, assumindo um caráter distorcido e instrumentalizado do passado. A partir das análises de Aviezer Tucker em *Revisión historiográfica y revisionismo: divergencias en la consideración de la evidencia* (2015), é possível distinguir dois tipos de revisionismo que coexistem na sociedade: o revisionismo cognitivo, que busca aprimorar o conhecimento histórico com base em evidências e argumentos sólidos; e o revisionismo terapêutico, que visa atender demandas identitárias, políticas ou emocionais, muitas vezes desconsiderando os critérios acadêmicos de validação histórica.

É nesse segundo tipo que se insere o revisionismo promovido por figuras como Anders Breivik e Brenton Tarrant. Ambos recorrem a uma narrativa histórica fabricada para atender a um sentimento de perda civilizacional, nostalgia de uma ordem hierárquica idealizada e desejo de revanche simbólica. O passado, nesse caso, é mobilizado não como objeto de estudo, mas como um refúgio místico — ou terapêutico, para utilizar o vocabulário de Tucker — diante da percepção de um presente em crise.

Em síntese, observamos na contemporaneidade uma extrema-direita que recorre a diferentes apropriações do passado medieval como instrumento de legitimação para uma suposta luta civilizacional. Entre outros tópicos, essa retórica costuma mobilizar a dicotomia entre o cristão “civilizado” e o muçulmano “bárbaro”, o que ajuda a reproduzir um imaginário simplificado e excluente da Idade Média. Como destacou Paulo Henrique Pachá em entrevista concedida à Agência Pública (2019), esse fascínio da extrema-direita pelas Cruzadas se deve, em grande parte, ao papel simbólico que esse evento desempenha para tais grupos. Segundo Pachá, as Cruzadas representam, para esses setores, um momento histórico no qual uma sociedade masculina, branca e cristã teria se unido para defender a Europa de invasores estrangeiros — no caso, os muçulmanos. Trata-se, portanto, de uma reinterpretação anacrônica e ideologizada da história medieval, moldada para atender aos interesses políticos e identitários da extrema-direita atual.

Por fim, como apontam Andrew Elliott (2017) e Paul Sturtevant (2018), essa idealização medieval opera como um dispositivo simbólico que oferece sentido e identidade a setores que se veem ameaçados pela globalização e pela diversidade contemporânea. Movimentos sociais como o *Black Lives Matter*, as mobilizações feministas e as lutas indígenas por reconhecimento são rotulados como “ameaças à civilização” e acusados de promover a fragmentação da sociedade e o ataque às instituições

“naturais”, como a família, a nação e a religião cristã. Nessa lógica, tudo o que desafia a autoridade patriarcal, o nacionalismo étnico ou o conservadorismo religioso é percebido como elemento corrosivo. E é justamente contra esse “presente decadente” que se constrói a idealização de um passado medieval forte, puro e heroico, capaz de oferecer um horizonte imaginário de ordem, certeza e homogeneidade identitária.

### Referência Bibliográfica

- BRANDALISE, C. **A Europa de direita radical**. Revista Humanas, Porto Alegre, v. 22, n. 1/2, p. 77–108, 1999.
- BREIVIK, A. **2083 – A European Declaration of Independence**. Londres, 2011. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnxicmVpdmlrcnVzaW5mb3JtfGd4OjM5NWY0MGJiYzAzYWY0N2E>. Acesso em: 18 set. 2024.
- BULL, M. G. **Thinking Medieval: An Introduction to the Study of the Middle Ages**. Basingstoke – Londres: Palgrave Macmillan, 2005.
- CALDEIRA NETO, O. **O lobo, a alcateia e o problema do extremismo**. Correio Braziliense, Brasília, 15 nov. 2024. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/opiniao/2024/11/6988915-o-lobo-a-alcateia-e-o-problema-do-extremismo.html>. Acesso em: 3 ago. 2025.
- CAMUS, R. **Le grand remplacement**. Neuilly-sur-Seine: David Reinharc, 2011.
- ECO, U. **Travels in Hyperreality**. Trad. William Weaver. Boston: HMH, 2017.
- ELLIOTT, A. B. R. **Medievalism, Politics and Mass Media: Appropriating the Middle Ages in the Twenty-First Century**. Woodbridge: Boydell & Brewer, 2017.
- FLORI, J. **Cavalaria**. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J.-C. (orgs.). *Dicionário analítico do Ocidente medieval: volume I*. São Paulo: Ed. Unesp, 2017. p. 210–226.
- GUERRA, L. F. A. **Neomedievalismo político no Brasil contemporâneo**. 2021. Disponível em: [https://www.academia.edu/59334237/Neomedievalismo\\_pol%C3%ADtico\\_no\\_Brasil\\_contempor%C3%A1neo](https://www.academia.edu/59334237/Neomedievalismo_pol%C3%ADtico_no_Brasil_contempor%C3%A1neo). Acesso em: 18 set. 2024.
- HARTOG, F. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Trad. Andréa S. de Menezes et al. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- JENKINS, J. P. **Terrorism**. *Encyclopaedia Britannica*. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/terrorism>. Acesso em: 22 nov. 2025.
- LANZIERI JÚNIOR, C. **Cavaleiros de cola, papel e plástico: sobre os usos do passado medieval na contemporaneidade**. Campinas: D7, 2021.
- LÖWY, M. **Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil**. Serviço Social & Sociedade, São Paulo, n. 124, p. 652–664, dez. 2015.

PACHÁ, P. H. **Deus Vult: uma velha expressão na boca da extrema-direita.** Agência Pública, 2019. Disponível em: <https://apublica.org/2019/04/deus-vult-uma-velha-expressao-na-boca-da-extrema-direita/>. Acesso em: 18 jul. 2024.

PALMER, J. T. **The making of a world historical moment: the Battle of Tours (732/3) in the nineteenth century.** Postmedieval: A Journal of Medieval Cultural Studies, v. 10, n. 2, p. 206–218, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1057/s41280-019-00126-y>.

PETERSMANN, S. **O mito do lobo solitário.** Deutsche Welle (Brasil), 18 mar. 2019. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/o-mito-do-lobo-solit%C3%A1rio/a-47967433>. Acesso em: 3 ago. 2025.

STANLEY, J. **Apagando a história: como os fascistas reescrevem o passado para controlar o futuro.** Rio de Janeiro: LEPM, 2025. 224 p.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”.** Porto Alegre: L&PM Editores, 2018. ISBN 978-8525438201

STURTEVANT, P. B. **The Middle Ages in the Popular Imagination: Memory, Film and Medievalism.** Londres: I. B. Tauris, 2018.

TARRANT, B. **The Great Replacement.** 2019. Disponível em: [https://img-prod.ilfoglio.it/userUpload/The\\_Great\\_Replacementconvertito.pdf](https://img-prod.ilfoglio.it/userUpload/The_Great_Replacementconvertito.pdf). Acesso em: 18 set. 2024.

TRAVERSO, E. **Do fascismo ao pós-fascismo.** Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas, v. 13, n. 2, p. 12–44, 2019. DOI: 10.21057/repamv13n2.2019.26801.

TUCKER, A. **Revisión historiográfica y revisionismo: divergencias en la consideración de la evidencia.** In: FORCADELL, C.; PEIRO, I.; YUSTA, M. (eds.). *El pasado en construcción: revisionismos históricos en la historiografía contemporánea*. Zaragoza: Institución Fernando el Católico, 2015. p. 29–46.

WINOCK, M. **Histoire de l'extrême-droite en France.** Paris: Seuil, 2015.

WORKMAN, L. J. **Editorial.** Studies in Medievalism, v. 1, n. 1, Oxford, spring 1979.